

4 TEORIA PSICANALÍTICA E INTERDISCIPLINARIDADE: explicações sobre o corpo na obra freudiana

PSYCHOANALYTIC THEORY AND INTERDISCIPLINARITY: explanations about the body in the Freudian work

Wesley Yago Leal da Silva¹
 Debora Patrícia Nemer Pinheiro²

RESUMO: No hospital é comum que o psicólogo que trabalha com a psicanálise seja convocado pela equipe a realizar alguns apontamentos sobre determinado caso ou situação abordando conceitos teóricos. Como as formações dos profissionais da saúde, geralmente, fundamentam-se nas ciências biomédicas e a psicanálise situa-se na área de humanas, é habitual que a comunicação entre eles fique restrita. Portanto, pautando-se na compreensão de que a interdisciplinaridade é uma abordagem essencial para a aproximação dos diversos discursos no ambiente hospitalar e na aposta de Freud de que a teoria psicanalítica pode ser exposta aos leigos desde que seja transmitida de maneira simples e acessível, o artigo visa apresentar um recorte da noção de corpo dentro da obra de Freud de uma maneira mais inteligível aos leigos, partindo dos conceitos de instinto e pulsão. Primeiramente, foi realizada uma revisão histórica de caráter bibliográfico acerca da temática do corpo, para então abordar a visão psicanalítica a partir do instinto e da pulsão, fundamentada, principalmente, nos “Três ensaios sobre uma teoria da sexualidade” de Freud (1905). A pesquisa defende que aproximar os profissionais da saúde de alguns conceitos da psicanálise é fornecer ferramentas para repensarem suas atuações profissionais e para o estreitamento das relações interdisciplinares.

Palavras-chave: Psicanálise. Psicologia. Interdisciplinaridade.

ABSTRACT: In the hospital it is common for the psychologist who works with psychoanalysis to be called by the health staff to make some appointments about a particular case or situation approaching theoretical concepts. Considering that the training of health professionals is generally based on the biomedical sciences and psychoanalysis inserted in the field of human

¹**Wesley Yago Leal da Silva:** Psicólogo pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), Especialista em Atenção Hospitalar Cardiovascular pelo Complexo Hospital de Clínicas da Universidade Federal do Paraná (CHC-UFPR). É Membro Colaborador da Comissão de Psicologia Hospitalar do Conselho Regional de Psicologia do Paraná (CRP-PR) e realiza atendimentos psicanalíticos em consultório privado. Contato: weslleylealpsico@gmail.com

²**Debora Patrícia Nemer Pinheiro:** Psicanalista, Mestre em Psicologia da Infância e da Adolescência (UFPR) e Doutora em Psicologia Clínica (PUC-SP). É Responsável Técnica do Centro de Psicologia Aplicada da Universidade Federal do Paraná e Professora Titular da Universidade Positivo. Atuou como Preceptora do Programa de Residência Integrado Multiprofissional em Atenção Hospitalar do Complexo Hospital de Clínicas – UFPR (2015-2018). Contato: dnpinheiro@gmail.com

sciences, it is common that communication between them become restricted. Therefore, based on understanding that interdisciplinarity is an essential approach for the approximation of the various discourses in the hospital environment and Freud's belief that psychoanalytic theory can be exposed to the laity if transmitted in a simple and accessible way. This article aims to present a cutting of the notion of body within the work of Freud in a way more intelligible to the laity, starting from the concepts of instinct and drive. Firstly, a bibliographic revision on the subject of the body was carried out, in order to approach the psychoanalytic view based on instinct and drive, mainly based on Freud's Three Essays on a Theory of Sexuality. The research argues that bringing health staff closer to some concepts of psychoanalysis is to provide tools to rethink their professional activities and to build interdisciplinary relationships.

Key-words: Psychoanalysis. Psychology. Interdisciplinarity.

1 INTRODUÇÃO

O tema de pesquisa surgiu a partir do trabalho como Psicólogo Residente de abordagem psicanalítica no Programa de Residência Integrado Multiprofissional em Atenção Hospitalar em um hospital universitário no Estado do Paraná. Os psicólogos da instituição – residentes e contratados - majoritariamente, compreendem que o foco do trabalho do profissional da psicologia dentro do hospital é o atendimento clínico individualizado dos pacientes (e de alguns familiares). Partindo desse pressuposto é que reportam-se aos pacientes oferecendo o seu trabalho de escuta.

Junto dessa atividade, tais profissionais, principalmente os residentes, estão sempre inseridos em outras práticas de seus setores: visitas médicas e multiprofissionais, reuniões de equipe, estudo de caso, construções de Planos Terapêuticos Singulares, entre outros. É inegável que nesses diversos espaços, dependendo da dinâmica de cada equipe, o psicólogo é convocado pelos outros profissionais a assumir um lugar que o retira do conforto do atendimento individualizado. Muitas vezes, é requisitado a elucidar sua compreensão clínica acerca de determinada situação ou caso.

A atitude que o especialista assumirá frente a tal solicitação relaciona-se com sua apreensão teórica da psicologia e com suas próprias questões subjetivas, podendo ou não atender a demanda da equipe. Um modelo de trabalho possível é expor de maneira clara como compreende os fenômenos, sempre pautado na dimensão ética de evidenciar apenas o necessário à condução do caso. Nesse modo, há de se ter o cuidado para que tal intervenção possibilite aos profissionais novos horizontes sobre a situação e não gere o efeito oposto, o fechamento do saber em si mesmo, em que o discurso conceitual apresentado se torna dogma.

No entanto, essa proposta intervencionista traz um importante impasse na sua concretização: a dificuldade de comunicação. A prática mostra que um dos obstáculos possivelmente relaciona-se com a especificidade da formação dos profissionais, o que levaria a dissonância de seus discursos. Enquanto grande parte dos servidores da saúde é formada em cursos da área biológica, que mantêm uma compreensão biologicista acerca do humano, a psicanálise, por abordar a subjetividade, situa-se ao lado das ciências humanas, tendo seus conceitos expostos nos cursos de tal esfera, predominantemente nas formações em psicologia.

Para compreensão de tal entrave é necessário ter em mente que essa fragmentação do saber, em diversas áreas, é algo próprio à concepção moderna do conhecimento, surgida a partir de Galileu no século XVII, junto do aparecimento das ciências humanas no mesmo período. Anteriormente o conhecimento tinha relação com o cosmo e com o cristianismo, porém vai distanciando-se deles até assumir seu caráter científico (JAPIASSU, 1977).

A sociedade passa então a presenciar um crescimento massivo das especialidades e da oferta de trabalho para todo tipo de problemática (AIUB, 2006). Em qualquer área do conhecimento-atuação, as ramificações levam às subespecialidades, sendo um exemplo o médico ortopedista, que pode especializar-se em problemáticas do joelho, da mão, do quadril, da coluna, dos ombros e do cotovelo, tornozelo e pé e traumas.

Os profissionais especialistas passam a atuar cada um dentro de seus domínios do conhecimento. Ao dar destaque apenas a uma parte do indivíduo, este se fragmenta, criando um nevoeiro que recobre as outras dimensões da vida humana. Se já é laborioso a um profissional da modernidade estudar apenas uma parte do indivíduo, seu estudo como um todo torna-se utópico. Tem-se aí, um grande obstáculo à comunicação, visto que falar sobre ser humano já não é mais falar de seu todo, mas de suas partes. Essa conjuntura dificulta que se tenha a visão mais integrada do sujeito.

Como uma forma de superar a fragmentação do saber é que na segunda metade do século XX a interdisciplinaridade chega ao Brasil. Segundo Pádua (2018), Hilton Japiassú é um dos nomes importantes na área e propõe a interdisciplinaridade como caracterizada pelo grau de integração real entre as disciplinas no interior de um mesmo projeto e pela intensidade das trocas entre os especialistas. Esse modelo de abordar a interdisciplinaridade pode ser um grande aliado do psicólogo na superação da dificuldade de compreensão do discurso entre os profissionais.

Pautado nessa perspectiva de interdisciplinaridade e acreditando na aposta de Freud (1919) de que é necessário buscar formas mais simples e facilmente inteligíveis de expor a teoria psicanalítica para quem a desconhece, o presente artigo pretende apresentar um importante elemento dentro da psicanálise e de outras áreas: o conceito de corpo. Não se propõe a uma análise extensa e complexa dentro das elaborações psicanalíticas, pelo contrário, o objetivo é realizar uma exposição de forma clara para que o público leigo se aproxime das

proposições do pai da psicanálise, visando contribuir para o campo interdisciplinar.

Assim sendo, elencou-se o tema do “corpo” partindo dos conceitos de instinto e pulsão expostos na obra de Freud. O corpo foi escolhido como tema por ser terreno privilegiado no ambiente hospitalar, dado que, de diferentes maneiras, todos intervêm sobre ele em suas atuações. É válido ressaltar que em psicanálise o corpo pode ser compreendido a partir de diversas óticas e que a pesquisa realizará um recorte, pautando-se na compreensão do corpo a partir da “pulsão”.

2 METODOLOGIA

Com o objetivo de abordar a problemática do corpo, foi realizada uma revisão exploratória de cunho bibliográfico, partindo da noção de corpo através dos tempos até a noção de tal elemento dentro da obra freudiana, baseando-se nos conceitos de *instinto* e *pulsão*. No que concerne a pesquisa acerca do corpo foi utilizada a obra de Tucherman (1999), junto dos artigos de Barbosa *et al* (2011) e de Ceccarelli (2011). Para explanar acerca do corpo dentro da obra freudiana tomando-se em referência esses conceitos foi utilizado como base o importante artigo de Freud (1996) “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”. O artigo de Fulgêncio (2002) é utilizado para auxiliar na contextualização sobre o corpo dentro do campo psicanalítico.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Histórico sobre o corpo

O corpo é um tema importante dentro do ambiente hospitalar, visto que é sobre ele que incidem boa parte das intervenções profissionais. Segundo Barbosa *et al* (2011), a história do corpo humano é a história da civilização, o qual se relaciona intrinsecamente com a sociedade, sendo, pois, histórico, dinâmico e marcado pela cultura. Nesse sentido, ao longo da história, nem sempre a relação com o corpo aconteceu da forma como é experienciada na contemporaneidade, e os usos que dele são feitos nem sempre foram os mesmos.

Retornando à Grécia Antiga, percebe-se que o corpo já era amplamente tematizado, sendo padrão de estética e verdadeiro objeto de admiração. O corpo da época, tão exposto nos famosos monumentos em sua nudez, é o mesmo esboço musculoso que na contemporaneidade poderia ser denominado como atraente (TUCHERMAN, 1999). Desse modo, o corpo era visto como a prova da criatividade dos deuses e, imbricado em uma constante exibição sem pudores, estava na pólis para ser exibido, adestrado, perfumado e referenciado: presentificava-se para receber olhares de admiração e inveja (BARBOSA *et al*, 2011).

Interdisc., São Paulo, n.º. 13, pp. 01-114, out. 2018.

<http://revistas.pucsp.br/index.php/interdisciplinaridade>

O corpo também era tido como um instrumento de combate, visto que tudo na natureza resumia-se a luta, obstáculo a ser ultrapassado e espaço/terra a ser conquistado. As performances atléticas, frequentes desde aquele período, eram entendidas como exigências de divindades para que os gregos se mostrassem dignos do dom da vida. Contudo, toda essa atmosfera que envolvia o tema era negada às mulheres, tendo em vista que os prazeres e a concepção de um físico perfeito pertenciam apenas aos homens (BARBOSA *et al*, 2011).

Por vários séculos, o corpo apresentou-se de forma enigmática e inexplicável, até que com o advento do Cristianismo - a partir de seus discursos - passou a um papel importante na apreensão e na explicação dos acometimentos do corpo. Com base em tal influência, as doenças passaram a ser abordadas como castigo devido à impureza na vista cristã e a cura como uma graça advinda de Deus e dos santos da Igreja Católica (CECCARELLI, 2011)

Se anteriormente o corpo era fonte de beleza, baseado na visão judaico-cristã ele passa a ser fonte do pecado, ou seja, torna-se proibido e considerado como base da fraqueza humana, podendo se entregar aos vícios e aos prazeres da "carne" (BARBOSA *et al*, 2011). Em contraposição, o espírito é preconizado como puro e bom, devendo domar os impulsos corpóreos. Logo, tudo o que é ordem sexual relaciona-se ao impuro, tal qual o que não o é recebe conotação de pureza (CECCARELLI, 2011).

Na Idade Média a noção do corpo e a sua vivência tiveram forte influência do cristianismo: o mesmo passa a ser visto como a prisão da alma e necessita ser purificado através de punição. O corpo sofria severos castigos, torturas e execuções públicas, inclusive, utilizando-se de fogueira e de diversos instrumentos preconizados pelo tribunal da Santa Inquisição da Igreja Católica.

Na época, muitas mulheres foram queimadas por serem consideradas bruxas, dado que imaginava-se que demônio se apropriava de suas almas e por isso o corpo era seu ponto de entrada - através da sexualidade. Como a mulher, vista como o resquício de uma costela de Adão, estaria ligada à sexualidade, transformou-se no próprio agente do demônio. As "bruxas" tinham seus cabelos e pelos raspados, ficavam desnudas e seus corpos eram examinados a procura de provas que as ligassem ao demônio (BARBOSA *et al*, 2011).

No Período Renascentista, a influência teocêntrica medieval declina, abrindo espaço para o antropocentrismo. O corpo passa a ser abordado como objeto de estudos e experiências, bem como o método científico torna-se o guia das ações humanas. Nessa época, a disciplina e controle sob o corpo atuam constantemente, apresentando-se na forma de atividades físicas prescritas de maneira intensa, visando à saúde corporal. Vale destacar que a dicotomia entre corpo e alma segue vigente e, com as contribuições do pensamento Cartesiano, o corpo passa a ter relação com a razão.

Com a indústria moderna e com os avanços tecnológicos surge o sistema capitalista, no qual o trabalho é reduzido à mera ação fisiológica e a produção em série é o modelo visado. O corpo torna-se, deste modo, uma máquina produtiva e de acúmulo de capital. Nesse mesmo sentido, aparecem também

Interdisc., São Paulo, n.º. 13, pp. 01-114, out. 2018.

<http://revistas.pucsp.br/index.php/interdisciplinaridade>

algumas importantes descobertas nas áreas médicas que reafirmam o funcionamento do “maquinário físico” e contestam o ideário de que a alma seria a fonte de energia do corpo (BARBOSA *et al*, 2011; TUCHERMAN, 1999).

Já no século XIX, com o Estado presente na vida de seus cidadãos, ocorre uma regulação dos corpos, em que ele passa a intervir em questões que anteriormente não lhe cabiam. Junto do Estado, houve outros condicionantes para uma mudança social na ideia de indivíduo e de seu papel na vida cotidiana, o que afeta diretamente a concepção de corpo, entre outros, as reformas religiosas exigindo de seus fiéis devoção interior e íntima, os progressos da leitura e escrita (TUCHERMAN, 1999).

Nos séculos XIX, XX e XXI o progresso tecnológico expande ainda mais os cuidados, estudos e discussões sobre o corpo. Os hospitais já se apresentam munidos de Unidades de Terapia Intensiva com aparatos de alta tecnologia, permitindo o controle da vida e da morte. Novas discussões sobre a terminalidade são produzidas tanto no meio científico como nos espaços de circulações populares. É legítimo inferir que o corpo da época atual passa por um ideal medicalizador e que há uma preocupação com seus mecanismos anatomofisiológicos, reafirmado pelas diversas pesquisas no âmbito da neurofisiologia que buscam as áreas ou as desregularidades cerebrais que desencadeariam determinados transtornos mentais.

É também válido frisar que as concepções de corpo, ao se modificarem, não deixam pra trás os diversos significados que o envolvem. O passado atua ao mesmo tempo em que novas significações estão se constituindo e produzindo outros sentidos sobre o corpo, em um movimento dialético, sempre a caminho de novas produções de significados.

A descoberta de freud

Ampliando ainda mais as discussões sobre o tema dentro do vasto campo multidisciplinar, na segunda metade do século XIX, Freud nos apresenta a psicanálise, que ainda estava ganhando forças. A nova concepção em ascensão revolucionou a maneira de se pensar o corpo, tendo implicações nas mais diversas áreas. O pensamento freudiano, não sem enfrentar resistências, opera uma mudança para com o paradigma da biologia de sua época ao lançar mão de uma compreensão do ser humano a partir da “pulsão”.

Freud era médico neurologista e no início da carreira se dedicou aos estudos acerca da estrutura anatomo-fisiológica do sistema nervoso. A partir do trabalho no Hospital Geral de Viena, torna-se amigo do médico Josef Breuer, que o aproximou dos doentes dos nervos e da problemática das histerias. Nos anos de 1885-1886, Freud ganha uma bolsa para estudar com o também médico Jean-Martin Charcot, que se dedicava ao estudo dos fenômenos histéricos no Hospital da Salpêtrière em Paris orgânica (FULGÊNCIO, 2002).

A fenomenologia histórica apresentava diversas manifestações, desde tremedeiras até a perda de sensibilidade em partes do corpo, sem respaldo neurofisiológico que pudesse elevá-la a uma classe patológica. Baseada nisso,

Interdisc., São Paulo, n.º. 13, pp. 01-114, out. 2018.

<http://revistas.pucsp.br/index.php/interdisciplinaridade>

a medicina do século XIX, inicialmente, a compreendia dentro do terreno da moralidade, isto é, como um teatro ou fingimento por parte de alguém que simulava um adoecimento. Foi no Salpêtrière, quando Charcot busca discriminar a epilepsia da histeria, que ela pôde dar um salto dentro do campo médico e ganhar realidade clínica orgânica (FULGÊNCIO, 2002).

Charcot, a partir da hipnose, demonstra a possibilidade de eliminar e/ou criar novos sintomas histéricos no paciente e passa a defender que as paralisias, em tais doentes, relacionam-se com ideias que dominaram o cérebro em determinado momento. Portanto, na visão de Charcot, deveria ser considerado um fator psíquico em tais fenômenos que estariam relacionados a problemas orgânicos. Para ele, haveria uma cisão no psiquismo do doente devido a um trauma, deste modo alguns pensamentos mantinham-se presentes na parte inconsciente. Nesse contexto, a concepção freudiana é a de que o ser humano é movido por forças psíquicas e o sintoma relaciona-se com estas forças que estão em conflito. Para que ocorra um conflito é necessário que existam dois elementos opostos, ou seja, Freud concorda com a premissa de Charcot de que haveria duas dimensões distintas no psiquismo, todavia, discorda que teriam base orgânica (FULGÊNCIO, 2002).

Portanto, o ineditismo no pensamento de Freud é o distanciamento que ele opera com relação à anatomia: enquanto Charcot defende a existência de debilidades orgânicas na base da histeria, Freud mostra que a histeria era regida por leis que nada relacionavam-se com o orgânico. Deste modo, Freud funda uma nova forma de compreender e apreender o corpo, fundamentada inicialmente nos conflitos entre forças conscientes e inconscientes.

As experiências clínicas de Freud com pacientes histéricas também o fizeram perceber que havia uma forte busca por prazer/satisfação no ser humano, e esta, grosso modo, pode ser associada ao que Freud chama de sexualidade. Partindo desse ponto de vista, ele não poderia aceitar a concepção de que as atitudes humanas relacionavam-se a uma causalidade orgânica ou dependiam do instinto, visto que este pressupõe que as relações do sujeito com os objetos do mundo seriam predeterminadas por uma condição biológica natural. Portanto, subvertendo a explanação vigente acerca do ser humano, Freud inaugura a noção de pulsão, com a proposta de diferenciá-la do instinto, introduzindo-a como um elemento importante no adoecimento neurótico.

O artigo “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1906) é um importante escrito de Freud, no qual o autor aborda os conceitos de instinto e pulsão. Na obra ele afirma que se o humano fosse apenas força instintiva, suas ações exigiriam padrões fixos de conduta. Um exemplo que ele apresenta é do instinto de nutrição, em que o objeto seria o alimento e o objetivo alimentar-se para manter sua autopreservação. Se a referência para compreensão das atitudes humanas for a instintual, então alimentação ocorreria apenas para manter a autopreservação da espécie. No entanto, não é bem isso que Freud percebe que ocorre, propondo então que a pulsão não se limita a autopreservação. No caso da alimentação, o sujeito pode fazer uso de vários alimentos tendo como objetivo a satisfação, pois há mobilidade na relação entre os objetos e a pulsão.

Interdisc., São Paulo, n.º. 13, pp. 01-114, out. 2018.

<http://revistas.pucsp.br/index.php/interdisciplinaridade>

Assim sendo, a pulsão diferencia-se do instinto e é considerada por Freud como um desvio deste. Ela inicialmente apresenta-se como uma força que exige ser satisfeita através de uma ação. De fato, ela possui ligação com o instinto quando utilizam do mesmo objeto visando o apaziguamento tensional que gera no corpo. Ainda tomando o instinto de nutrição como exemplo, no início da vida de um bebê, é importante que as forças instintuais atuem para que haja uma autopreservação da espécie. No entanto, quando uma mãe oferece o seio à criança, ela permite que o infante tenha suas primeiras experiências de satisfação no ato de mamar. Deste modo, a amamentação passa a ter uma importante função de conduzir o bebê a vivências de prazer, já que é na amamentação que ele se aproxima de sua mãe e recebe dela as expressões de afeto. A pulsão exige satisfação e quando não a tem, a tensão corporal do bebê aumenta e só pode diminuir quando esta ocorrer.

Resumindo pulsão nas palavras de Freud:

Por pulsão podemos entender, a princípio, apenas o representante psíquico de uma fonte endossomática de estimulação que flui continuamente, para diferenciá-la do estímulo, que é produzido por excitações isoladas vindas de fora. Pulsão, portanto, é um dos conceitos da delimitação entre o anímico e o físico. A hipótese mais simples e mais indicada sobre a natureza da pulsão seria que, em si mesma, ela não possui qualidade alguma, devendo apenas ser considerada como uma medida da exigência de trabalho feita à vida anímica (FREUD, 1996, p. 159).

4 CONSIDERAÇÕES

Freud ao postular a pulsão, funda uma nova compreensão de sujeito e de corporeidade, em que o corpo já não se associa a comportamentos preestabelecidos visando apenas à sobrevivência, mas sim, formas de se satisfazer. Com isso, o autor faz circular um outro e novo discurso sobre o corpo, ao qual adentra a linearidade histórica no que tange a esse conceito, juntando-se aos outros discursos apresentados.

Alguns elementos da psicanálise chegam às mais variadas camadas da população, como, por exemplo: superego, divã, complexo de Édipo e falo. Entretanto, pouco se conhece sobre o que Freud buscou exprimir postulando esses termos.

Quando se trabalha com uma proposta interdisciplinar em que há de existir integração entre as disciplinas dentro de um mesmo projeto, torna-se uma importante ferramenta da prática interdisciplinar que o psicólogo de abordagem psicanalítica - ou de qualquer outro pensamento psicológico - busque introduzir os elementos teóricos aos profissionais da equipe. Nesse trabalho, utilizou-se a temática do corpo partindo dos conceitos de instinto e pulsão evidenciados na obra freudiana, visando esclarecer tais elementos de forma inteligível. No mesmo sentido, levando a teoria psicanalítica para além de seus ambientes

Interdisc., São Paulo, n.º. 13, pp. 01-114, out. 2018.

<http://revistas.pucsp.br/index.php/interdisciplinaridade>

usuais, o psicólogo inserido em equipe pode sempre buscar que ela se aproprie - minimamente - de conceitos teóricos e que isso as auxilie em suas práticas, o que só será possível se o psicólogo souber ser didático em suas explicações, como já apontado por Freud. Espera-se que com tal atuação, ocorra a valorização dos diversos saberes e que as ações em saúde realmente se deem de modo integrado.

Essa gama de conhecimentos, quando exibida aos profissionais da saúde, pode apresentar diversas repercussões. É possível que ao adquiri-los, tais trabalhadores reformulem antigos pensamentos, permitindo mudanças em suas práticas na atenção ao paciente. Portanto, adquirir novos conhecimentos sobre o ser humano é permitir uma compreensão mais integrada de sujeito e evitar o excesso de fragmentação apresentado pela atualidade. Espera-se que o objetivo de se levar a teoria psicanalítica ao público leigo seja sempre o de abrir novas possibilidades e olhares acerca de tal tema e não o de criar novas verdades absolutas e formas rígidas de se compreender algum fenômeno.

É extremamente importante frisar que apropriação teórica que se pode fazer da psicanálise diferencia-se da análise pessoal diretamente com um psicanalista, a qual cada um pode experimentar. Neste trabalho buscou-se exprimir apenas conceitos teóricos da psicanálise, que de forma alguma substituem uma análise pessoal. Enquanto que a teoria parte do singular para construir o todo, a análise parte do todo para se chegar às partes que constituem a singularidade. Não há teoria ou generalizações que possam responder por questões que são próprias de cada indivíduo. Deste modo, ainda que a teoria psicanalítica possa auxiliar no exercício da interdisciplinaridade nas ações entre profissionais da área da saúde e psicólogos que atuam em hospitais, há limitações como qualquer teoria.

REFERÊNCIAS

AIUB, Mônica. Interdisciplinaridade: da origem à atualidade. In: I Fórum de Reabilitação do Centro Universitário São Camilo, 1, 2006, São Paulo. **O mundo da saúde**. São Paulo, 2006. 107-116.

ADUA, Marcus Alexandre de et al . A dimensão ontológica: um caminho possível para a concretização da interdisciplinaridade. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 44, maio 2017, 2018. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022018000100426&lng=en&nrm=iso>. acesso em 05 jul. 2018.

BARBOSA, Maria Raquel; MATOS, Paula Mena; COSTA, Maria Emília. Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje. **Psicologia e Sociedade**, Florianópolis , v. 23, n. 1, p. 24-34, abril 2011 . Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822011000100004&lng=en&nrm=iso>. acesso em 05 jul. 2018, 22:30:30

Interdisc., São Paulo, nº. 13, pp. 01-114, out. 2018.

<http://revistas.pucsp.br/index.php/interdisciplinaridade>

CECCARELLI, Paulo Roberto. **Uma breve história do corpo**. In: Lange E.; Tardivo, L. (Org). *Corpo, Alteridade e Sintoma: diversidade e compreensão*, 2011. P. 14-34.

FREUD, Sigmund. Linhas de progresso da terapia analítica. In:_____. **História de uma neurose infantil e outros trabalhos (1917-1919)**. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 7 ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In:_____. **Um caso de histeria e três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1901-1905)**. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 7 ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996. 163-195 p. GIL, Antônio Carlos.

FULGÊNCIO, Leopoldo. A compreensão freudiana da histeria como uma reformulação especulativa das psicopatologias. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 5, n. 4, p. 30-44. 2002.

JAPIASSU, Hilton. **Introdução à epistemologia da psicologia**. 2 ed. Rio de Janeiro: Imago, 1977. 175 p.

LAZZARINI, Eliana Rigotto; VIANA, Terezinha. **O corpo em psicanálise**. *Psicologia: teoria e pesquisa*, [S.L.], v. 22, n. 2, p. 241-250, mai./ago. 2006.

TUCHERMAN, Ieda. **Breve história do corpo e de seus monstros**. Lisboa: Nova Vega, 1999. 199 p.